



TEMÁTICAS DE POLÍTICA EDUCACIONAL NA CULTURA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Eduardo Carvalho Ferreira¹

Resumo

Neste estudo, discutem-se os dados recolhidos pela pesquisa de *survey* intitulada “O que os cientistas sociais precisam saber de política e organização da educação básica para se tornarem professores?”. Destacam-se dois objetivos: a) refletir sobre aspectos do conhecimento dos professores de Sociologia acerca das temáticas correlatas às políticas educacionais, e b) problematizar a cultura de formação de professores nas Ciências Sociais. *A priori*, aventou-se a hipótese de que há uma lacuna na formação dos professores para o ensino escolar de Sociologia em relação as temáticas de política educacional, conquanto os resultados indicaram duas situações a serem consideradas: 1) a maioria dos respondentes teve contato com as temáticas durante a formação inicial; e 2) o conjunto da análise demonstra que paira uma incerteza dos/das respondentes em relação aos próprios conhecimentos sobre o assunto. Admite-se que tais destaques relativizam a hipótese e nos indicam que talvez não haja uma lacuna, mas um problema de qualidade da formação.

Palavras-chaves: Formação de professores. Ensino de Sociologia. Educação Básica.

¹ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo.

THEMES OF EDUCATION POLICIES IN THE TRAINING OF SOCIAL SCIENCES TEACHERS

Abstract

This study discusses data collected from a survey named “What the social scientists need to know about policies and organization of the primary education in order to become teachers?”. Two main goals are highlighted: a) to reflect about some aspects of the knowledge that Sociology teachers have about themes related to education policies, and b) to discuss the training of Social Sciences teachers and its culture. The initial hypothesis was that there was a gap in the teacher’s training for the school teaching of Sociology in regard to themes of education policies, but the results revealed two situations to be considered: 1) the majority of respondents had contact with those themes during their initial training; and 2) the whole analysis shows that there is no uncertainty on the part of respondents with respect to their own knowledge on the subject. We acknowledge that these responses tell us that there might not be a gap, but a quality problem in the training.

Keywords: Teacher Training. Sociology teaching. Primary Education.

INTRODUÇÃO

Neste século, o início dos debates sobre a formação de professores para o ensino escolar de Ciências Sociais coincide com o período de renovação dos cursos de Ciências Sociais, onde se viu o crescimento significativo de cursos de licenciatura em Ciências Sociais nas Universidades públicas brasileiras. No geral, o estímulo de renovação veio do Ministério da Educação através da publicação das novas Diretrizes para os cursos de Ciências Sociais (2001) e mais adiante, com a anuência do programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (2007) e a expansão dos Institutos Federais (2003-2016). Este período marca a entrada definitiva de várias questões correlatas ao ensino escolar da Sociologia na agenda científica e acadêmica, em virtude da ação de uma emergente comunidade

de especialistas envolvidos com a mobilização pela reintegração da disciplina na Educação Básica.

Depois de um período onde a exclusão da disciplina escolar dos currículos da Educação Básica e a consequente falta de mercado de trabalho fizeram com que muitas Universidades fechassem seus cursos de licenciatura (BODART; SILVA, 2016), a renovação das licenciaturas e a conquista da obrigatoriedade juntas colocaram em contato os especialistas acadêmicos e professores da educação básica que buscavam superar o histórico distanciamento das Ciências Sociais brasileiras com a educação básica. Desta união adveio um processo de reconfiguração do projeto educativo da disciplina escolar, fato que contribui sobremaneira para a criação de novas demandas para a cultura de formação de professores na área.

Mesmo que os percalços que envolvem a formação de professores de Sociologia para a educação escolar remontem às origens da organização dos cursos de Ciências Sociais no Brasil, na década de 1920, dado o caráter cíclico das discussões, foi apenas neste último período do seu vir-a-ser disciplina escolar que o debate sobre a cultura de formação de professores nas Ciências Sociais brasileira tornou-se proeminente (MORAES, 2003; SILVA, 2007; JINKINGS, 2007; PEREIRA, 2007; HANDFAS; MAÇAÍRA, 2014; MEUCCI, 2015; OLIVEIRA, 2015; MORAES, 2017; BODART; CIGALES, 2017; QUEIROZ; NEVES, 2017; BODART; CIGALES, 2017; BODART; TAVARES, 2018; HEY; FERREIRA; MORAES, 2018; BODART; SAMPAIO-SILVA, 2019; BODART; TAVARES, 2020). Nesse afã pode-se afirmar que nos últimos 15 anos a temática se consolidou como uma das principais disputas no interior dos departamentos e nos espaços de produção e divulgação científicos e acadêmicos, seja em revistas especializadas, dossiês, livros de coletâneas, trabalhos de pós-graduação, eventos e reuniões científicas.

Bodart e Tavares (2020) confirmaram esta tendência ao apontarem a prevalência da formação de professores como temática nos artigos publicados em periódicos qualificados entre 1996 e 2017, observando que 124 artigos foram publicados em 52 revistas, o que representou 30,6% da produção sobre ensino

escolar de Sociologia, seguido de temas como prática docente (23,3%) e currículo/legislação (12,9%). Em relação as teses e dissertações, os trabalhos de Handfas e Maçaíra (2015) e Bodart e Cigales (2017) analisaram o estado da arte e quantificaram a produção, demonstrando que a formação de professores ganhou profundidade como temática de pesquisa a partir de 2008.

Sobre esse processo de emergência da formação de professores como destaque, Oliveira (2015) ressalta outros dois fatores decisivos: a predominância do setor público como agente formativo e a ausência de professores com formação na área. A respeito da expansão dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais, Bodart e Tavares (2018) destacaram que no setor público, se observa uma expansão regular, com ampliação do número de cursos a partir de 2009, sendo predominantes os cursos de licenciatura, representando 63,1% do total acumulado, o que corrobora o argumento de Oliveira (2015). Os autores também notaram que a tendência de recuperação no número de matrículas apresentada a partir de 2010, seguiu inferior aos patamares alcançados entre 2000 e 2009, o que em tese ajuda a explicar o fato de a disciplina ter o menor percentual de professores formados na área no ensino médio, muito abaixo da média nacional das outras disciplinas.

Hey, Ferreira e Moraes (2018) afirmam que nesse movimento de guinada dos debates sobre a formação de professores observa-se certo crescimento de redes locais, onde algumas escolas e centros universitários passam se articular para promover maior contato entre professores do ensino superior e da educação básica, assim como os alunos das licenciaturas e os do ensino médio. Tal aproximação se deu a partir de ações coordenadas por professores envolvidos com a licenciatura e os estágios, no intuito de criar novos espaços de interface pensados para socializar referências teóricas e práticas educativas, a partir da criação de canais de comunicação e de partilha de experiências, de novas disciplinas formativas e de outras iniciativas específicas para subsidiar a produção curricular e capacitação dos professores em formação inicial ou continuada, tais como projetos de pesquisa,

ensino e extensão, cursos de especialização, eventos, oficinas e minicursos em escolas e laboratórios.

Muitas dessas experiências foram pioneiras e cumpriram um duplo papel ao contribuírem tanto para o *upgrade* das licenciaturas, quanto para a manutenção da disciplina escolar Sociologia. A circulação e a troca das informações produzidas por essas iniciativas ajudaram a consolidar um imaginário de maior pertencimento da academia em relação a escola, e da disciplina aos currículos. Lentamente o velho consenso sobre a inadequação dos currículos dos cursos de Ciências Sociais com as temáticas relativas à formação de professores vai se dissipando e alterando a própria paisagem da cultura formativa, ainda que se mantenha a necessidade de rearticulação dos modelos das licenciaturas a partir da indissolubilidade entre pesquisa e ensino.

Sobre esse último ponto, é preciso enfatizar que um obstáculo ao avanço da formação de professores e conseqüente ampliação dos currículos das licenciaturas continua sendo a carga excessiva do bacharelado. Segundo Moraes (2017, p. 19) “o antigo 3+1, proposto em 1939, hoje está por volta de 6+1”, o que reforça a priorização da formação para a pesquisa em detrimento da formação para a docência e à superação de um ensino onde os conteúdos específicos prevalecem sobre os de natureza pedagógica. Assim o lugar semiperiférico da formação de professores permanece, mesmo que a narrativa recente do ensino escolar Sociologia tenha provocado transformações que afetaram diretamente o campo das Ciências Sociais no Ensino Superior (OLIVEIRA, 2015).

Em conjunto todas essas transformações têm atuado para a qualificação da cultura de formação de professores nas Ciências Sociais, com a revisão dos modelos de formação inicial e continuada, e para a superação de alguns antigos dilemas, como a ausência de professores especialistas atuando na Educação Básica. Conquanto, na maioria dos casos ainda permanece sólida a dissociação entre as disciplinas da Educação e as do campo das Ciências Sociais, o que acaba por comprometer a construção do conhecimento profissional. É a partir dessa lacuna

que se desenvolve o problema desta pesquisa, enunciado da seguinte maneira: O que os cientistas sociais precisam saber de política e organização da educação básica para se tornarem professores?

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder à pergunta enunciada na introdução, como método utilizamos uma pesquisa de *survey*, com o propósito de compreender algumas das particularidades da formação dos cientistas sociais em relação às temáticas ligadas as políticas educacionais, em especial, a estrutura e a organização da Educação Básica no Brasil. O sentido de realizar tal debate ganha ênfase a partir da hipótese de que há lacunas importantes na cultura formativa em relação aos aspectos que remetem à administração da educação nacional e das escolas. A investigação de tal circunstância serve para entendermos como essa formação reflete na atuação profissional e na própria construção da disciplina Sociologia na Educação Básica. Com isso, poderá ser possível passar em revista e fazer aparecer pistas sobre a temática pesquisada.

Diante desse interesse, selecionamos uma pequena amostra de sujeitos e distribuimos um questionário elaborado para obter informações relevantes ao tema investigado. A determinação desta amostra foi particularmente difícil por conta da multiplicidade de fatores que concorrem para se definir a “representatividade” e a “eficiência” das escolhas. Importa mencionar que desta dificuldade decorreram tanto um problema teórico – quem deve ser considerado? – quanto um problema prático – qual o tamanho da amostragem? Na ausência de uma forma simples para fazer essa delimitação, foi preciso definir alguns critérios de seleção antes de sondar qual o grupo de entrevistados seria mais representativo para a pesquisa. Desse modo, estabelecemos que a seleção dos agentes deveria atender ao critério primeiro da inserção dos mesmos como professores da disciplina Sociologia no ensino médio, no ano letivo de 2019, e a partir dessa condição chegamos à base de sondagem.

Distribuímos virtualmente 150 questionários para participantes de um grupo nacional de professores de Sociologia no ensino médio da rede social *Facebook*. A amostra dos respondentes escolhidos foi composta por voluntários. Os eixos e as variáveis elaboradas para o questionário (Quadro 1) buscaram extrair um encadeamento de informações e os recursos analíticos foram empregados para tornarem coerentes os pressupostos em relação à própria epistemologia do estudo.

Seguindo as orientações de Babbie (2001) e Combessie (2004), as respostas foram padronizadas e registradas de forma quantitativa e depois submetidas a uma análise organizada para fornecer as possíveis correlações, de modo a oferecer as pistas para uma possível generalização dos resultados. A intenção foi reunir o maior conjunto possível de informações relativas à temática estudada, tratando-se de identificar alguns dos processos de produção de sentido que estruturam a realidade da formação de professores nas Ciências Sociais.

Quadro 1 – Survey.

Eixo	Questões
Caracterização da amostragem	<ol style="list-style-type: none"> 1. Onde reside? 2. Rede de Ensino em que atua? 3. Possui Graduação na área? 4. Possui Pós-graduação? 5. Qual a natureza do estabelecimento de ensino em que se formou?
Aspectos gerais sobre a formação dos respondentes	<ol style="list-style-type: none"> 6. Durante a formação inicial cursou alguma disciplina sobre Política e Organização da Educação Básica no Brasil? 7. Durante a licenciatura lhe foi ofertada alguma disciplina sobre Política e Organização da Educação Básica no Brasil? 8. Se sim, qual caráter da(s) disciplina(s)? 9. Onde a(s) disciplina(s) foi/foram realizada(s)? 10. Como você avalia esta(s) disciplina(s)? 11. Esta(as) disciplina(s) compreendia(am) quais temáticas? 12. Esta discussão sobre "Política e Organização da Educação Básica" é pertinente para a formação dos(as) professores(as) de Sociologia? 13. Você já fez formação continuada sobre algum destes temas?
Conhecimentos sobre política e organização da Educação Básica	<ol style="list-style-type: none"> 14. Você conhece os níveis, etapas e modalidades da Educação nacional? 15. Você conhece a estrutura administrativa da Educação nacional? 16. Você conhece o regime de colaboração dos Sistemas de Ensino? 17. Você conhece as políticas de financiamento da Educação básica? 18. Você conhece as políticas de avaliação em larga escala da Educação Básica?

	19. Você conhece os princípios da gestão democrática? 20. Como você avalia sua formação acerca destes conhecimentos?
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ressalta-se que de antemão o questionário foi testado em menor escala e os resultados parciais foram apresentados durante o 6º Encontro Estadual de Ensino de Sociologia, cujas atividades ocorreram entre os dias 20 e 27 de setembro de 2018 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O teste do instrumento funcionou para a elaboração exploratória das questões e proporcionou a integração de novos aspectos e aprofundamentos para as etapas posteriores do trabalho de pesquisa, concedendo ao instrumento maior precisão e uma forma mais definitiva. Os resultados preliminares nos permitiram perceber a pertinência do questionário diante das informações recolhidas e com isso chegar a um conteúdo mais homogêneo, verificando se os aspectos considerados de antemão estão sendo correspondidos.

2 RESULTADOS

2.1 Caracterização da Amostragem

As Tabelas 1 e 2 informam sobre o perfil mais geral dos respondentes, sendo a maioria reside e trabalha nas regiões sudeste (44%) e sul (38%) e atuam majoritariamente na rede pública de ensino (80%). Dado os limites da distribuição do *survey* não é possível inferir que a prevalência dos respondentes no Sudeste e Sul se justifique pela maior concentração do número absoluto professores nessas regiões, ainda que os dados do Censo Escolar (2019) demonstrem que nela predominam 59,6% dos 507.931 professores do ensino médio.

Tabela 1 – Divisão por região.

Variáveis	Respostas	%
Centro-Oeste	06	4,0

Nordeste	15	10,0
Norte	06	4,0
Sul	66	44,0
Sudeste	57	38,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 2 – Atuação por natureza da rede de ensino.

Variáveis	Respostas	%
Pública	120	80,0
Privada	13	8,6
As duas	17	11,4
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Acerca da formação acadêmica, as Tabelas 3, 4 e 5, nos mostram que 98% dos respondentes são licenciados em Ciências Sociais, a maioria por IES públicas (62%) e com pós-graduação em alguma área correlata, sendo Especialistas (48%), Mestres (20%) e Doutorado (2,0%). Destaca-se que a hegemonia de licenciados da nossa amostragem não vai de encontro com a realidade da profissão, já que os dados oficiais demonstram que o percentual de professores habilitados não sofreu significativa alteração desde a Lei nº. 11.684/08. Segundo o Censo Escolar (2019, p. 57), a disciplina Sociologia se mantém com o pior resultado em relação ao indicador de adequação da formação docente para o ensino médio, sendo que apenas 32,2% das turmas são ministradas por professores com a formação adequada, isto é, quando se tem graduação e licenciatura na disciplina que ensina.

Tabela 3 – Formação acadêmica.

Variáveis	Respostas	%
Licenciatura em Ciências Sociais	147	98,0
Outras	03	2,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 4 – Natureza da IES em que se graduou.

Variáveis	Respostas	%
Pública	93	62,0

Privada	57	38,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 5 – Pós-graduação cursada em área correlata.

Variáveis	Respostas	%
Especialização	72	48,0
Mestrado	20	20,0
Especialização e Mestrado	12	8,0
Doutorado	03	2,0
Nenhuma	33	22,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra observação incide sobre os percentuais elevados de pós-graduados na amostragem, circunstância que não corresponde à realidade nacional dos professores de Sociologia. Sobre isso é possível admitir duas inferências: 1) a tradição bacharelesca faz com que os egressos da pós-graduação nas Ciências Sociais se interessem e ocupem majoritariamente de carreiras ligadas à pesquisa acadêmica e o ensino superior, e 2) não há incentivo à pós-graduação. O estudo de Bodart e Sampaio-Silva (2019, p. 53) corrobora com essas observações ao demonstrar dados que atestam que a participação de professores doutores no ensino escolar de Sociologia é bem reduzida em todas as regiões do país, totalizando 0,8% em relação ao total, com pequeno destaque para a região Sudeste, onde a concentração de programas de pós-graduação com doutoramento em Ciências Sociais e/ou área correlatas é maior. Afirmam ainda que a rede federal, com 45,3% dos professores doutores, é a que possui maiores atrativos, seja pela retribuição por titulação ou pelas condições de obtenção do título. (idem, p. 55)

2.2 Aspectos gerais sobre a Formação dos Respondentes

Em relação aos aspectos mais gerais da formação específica recebida e/ou procurada pelos respondentes acerca da temática “Política e Organização da

Educação Básica no Brasil” tivemos algumas indicações que ajudam a questionar a oferta destes conhecimentos e sinaliza a necessidade de aproximação mais fecunda entre os professores em formação e os debates sobre a realidade do sistema de ensino escolar. Vejamos, nas Tabelas 6 e 7, que a maioria revela já ter cursado alguma disciplina sobre o assunto em algum momento (74%), predominando a oferta durante a formação inicial em Ciências Sociais (84%).

Tabela 6 – Cursou disciplinas sobre as temáticas da educação básica.

Variáveis	Respostas	%
Sim	111	74,0
Não	39	26,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 7 – Teve oferta da temática durante a formação inicial.

Variáveis	Respostas	%
Sim	126	84,0
Não	24	16,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ressalta-se, nas Tabelas 8 e 9, que estas disciplinas eram de caráter obrigatório (74%), o que indica o aumento do espaço da temática nos currículos dos cursos de Ciências Sociais, mesmo que persista a dependência das Faculdades, Institutos e Centros de Educação para a sua oferta (46%), dada a configuração ainda hegemônica, ainda que com forma variável de uma IES para outra, de dividir e/ou transferir a responsabilidade da formação. A manutenção desta dependência é também indicativa da hierarquia entre bacharelado e licenciatura. Mas, a despeito disso, acrescenta-se que 74% dos respondentes fazem uma avaliação positiva em relação à qualidade da oferta sobre esta formação (Tabela 10).

Tabela 8 – Caráter das disciplinas cursadas.

Variáveis	Respostas	%
Obrigatória	111	74,0

Optativa	27	18,0
Não especificado	12	8,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 9 – Onde cursou as disciplinas.

Variáveis	Respostas	%
Faculdade, Instituto ou Centro de Ciências Sociais.	78	52,0
Faculdade, Instituto ou Centro de Educação.	69	46,0
Não especificado	03	2,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 10 – Avaliação das disciplinas cursadas.

Variáveis	Respostas	%
Excelente	15	10,0
Ótima	30	20,0
Boa	66	44,0
Regular	33	22,0
Péssima	06	4,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 11, sobre a discussão curricular, os respondentes puderam escolher mais de uma opção entre as temáticas listadas, por isso os percentuais são variáveis. Destacaram-se como conteúdos mais recorrentes nos programas das disciplinas cursadas pelos respondentes aqueles ligados as temáticas “Direito à educação” (50%), “Reformas e Formas de Regulação da educação” (50%) e “Legislação da Educação Básica” (68%). Ao passo que as discussões em torno dos aspectos administrativos e de planejamento da educação e das escolas aparecem com menor incidência. Buscando avaliar o grau de importância que os respondentes atribuem às temáticas e os conteúdos supracitados, solicitou-se que os mesmos avaliassem a pertinência para sua formação inicial e preparação para o exercício profissional como professores, conforme indicado na Tabela 12. Os dados evidenciam a valorização dos conhecimentos sobre “POEB”, o que pode ter certa

correspondência com o fato de 64% dos respondentes já ter feito algum tipo de formação continuada (Tabela 13), o que é positivo num cenário onde a formação continuada ainda é muito desvalorizada e pouco acessível.

Tabela 11 – Temáticas mais abordadas.

Variáveis	Respostas	%
Função social da educação e natureza da instituição escolar.	69	46,0
Direito à educação, cidadania, diversidade e direito à diferença.	75	50,0
Legislação da Educação Básica no Brasil: aspectos históricos, políticos e sociais.	102	68,0
Planejamento, Avaliação e Financiamento da Educação.	33	22,0
Gestão Escolar: PPP, Plano de Trabalho, Colegiados e Conselhos.	57	38,0
Reformas e Formas de Regulação da Educação Nacional.	75	50,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 12 – Avaliação sobre a pertinência das temáticas.

Variáveis	Respostas	%
Muito	135	90,0
Razoável	09	6,0
Pouco	06	4,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 13 – Formação continuada sobre as temáticas.

Variáveis	Respostas	%
Sim	96	64,0
Não	54	36,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.3 Conhecimentos sobre Política e Organização da Educação Básica

O último eixo explorado relaciona-se com a autoavaliação dos respondentes em relação aos seus conhecimentos específicos sobre a política e organização atual da Educação Básica no Brasil (Tabelas 14 a 19).

Tabela 14 – Conhecimento sobre os níveis, etapas e modalidades da educação

Variáveis	Respostas	%
Sim	99	66,0
Não	15	10,0
Talvez	36	24,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 15 – Conhecimento sobre a estrutura dos sistemas de ensino.

Variáveis	Respostas	%
Sim	69	46,0
Não	24	16,0
Talvez	57	38,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 16 – Conhecimento sobre o regime de colaboração.

Variáveis	Respostas	%
Sim	54	36,0
Não	42	28,0
Talvez	54	36,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 17 – Conhecimento sobre as formas de financiamento.

Variáveis	Respostas	%
Sim	66	44,0
Não	21	14,0
Talvez	63	42,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 18 – Conhecimento sobre as formas de avaliação.

Variáveis	Respostas	%
Sim	27	54,0
Não	09	18,0
Talvez	14	28,0

Total	150	100
-------	-----	-----

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 19 – Conhecimento sobre os princípios da gestão democrática.

Variáveis	Respostas	%
Sim	105	70,0
Não	21	14,0
Talvez	24	16,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

Chama atenção os percentuais daqueles que declararam “talvez” conhecer, sendo 24% sobre os níveis, etapas e modalidades da educação nacional; 38% sobre a estrutura administrativa da educação nacional; 36% sobre o regime de colaboração dos sistemas de ensino; 42% sobre as políticas de financiamento; 28% sobre as políticas de avaliação em larga escala; e 16% sobre os princípios de gestão democrática. Não por acaso, destaca-se que maior parte das incertezas remete as temáticas do planejamento, financiamento e avaliação da Educação Básica, que como já fora apontado neste estudo, foi à área menos recorrente nas disciplinas cursadas pelos respondentes (Tabela 11), podendo indicar um problema de formação ou mesmo um conhecimento parcial ou pouco aprofundado sobre os assuntos.

Por fim, pediu-se que os respondentes fizessem uma autoavaliação da própria formação. A Tabela 20 apresenta dados cuja maior saturação dos percentuais refere-se às variáveis “Boa” (40%) e “Regular” (28), isto é, 68% acreditam que sua formação em relação ao tema é apenas mediana.

Tabela 20 – Autoavaliação da formação recebida.

Variáveis	Respostas	%
Excelente	15	10,0
Ótima	18	12,0
Boa	60	40,0

Regular	42	28,0
Péssima	15	10,0
Total	150	100

Fonte: Elaborado pelo autor.

A variação das respostas indicou que no geral os professores que responderam o questionário demonstraram ter tido algum contato com as temáticas referente ao universo das políticas educacionais, ainda que de maneira superficial. Conquanto, a impressão que fica é de que existe junto aos professores uma incerteza em relação aos próprios conhecimentos sobre o assunto. O que é uma situação esperada, se considerarmos que os dados demonstram a fragmentação da formação, reconhecidamente problemática para a cultura das Ciências Sociais. De fato, ainda persistem muitas distorções entre a formação e preparação dos professores com as demandas profissionais e a própria prática pedagógica, o que acaba contribuindo também para existência de posições bastante distintas sobre o sentido da disciplina escolar e a identidade dos professores.

Sabe-se que a formação nem sempre é coerente com as tarefas e a realidade a ser enfrentada pelos egressos. Moraes (2017) resume bem a cultura de formação de professores nas Ciências Sociais ao dizer que:

[...] continuamos ainda com alguns preconceitos ou concepções remanescentes de uma época de ouro, marcada por elitismos: saber o conteúdo é suficiente para saber ensinar; saber pesquisar é suficiente para saber ensinar; educação e ensino são questões para pedagogos; dominar a teoria é dominar a prática; o bacharelado dá uma sólida formação, a licenciatura aplica-lhe um verniz pedagógico, o que é suficiente; ser pesquisador é fruto de um aprendizado, ser professor é um dom ou vocação. (MORAES, 2017, p. 29)

A despeito disso, pelo exposto acreditamos que as informações recolhidas relativizaram a hipótese inicial aventada de que há uma lacuna na formação dos professores para o ensino escolar de Sociologia em relação à temática “Política e Organização da Educação Básica”, gerando outra, de que não há lacuna, pois os dados indicam que a discussão está presente na formação, o que nos faz pensar que

a incerteza em relação aos conhecimentos demonstrada pelos respondentes pode ser um problema de qualidade da formação. Só que para confirmar essa nova hipótese seria preciso ampliar o escopo da pesquisa e considerar outros fatores como o tempo de experiência profissional, as dificuldades de associar teoria e prática, o questionamento da própria “vocação”, as tensões entre valores e exigências performativas, a crise identitária, dentre tantos temas relacionados ao exercício profissional e que são apontados na literatura especializada como determinantes desta incerteza acerca dos próprios conhecimentos. (NÓVOA, 2009; DUBET, 2011; CANDAU, 2014)

Por fim, sobre o conhecimento da diversidade de temáticas que englobam o universo das políticas educacionais no Brasil fica a reflexão para as Ciências Sociais sobre sua pertinência para a formação inicial e para a continuidade da prática social dos seus professores. Longe de reforçar o perfil profissional e formativo exigido pela “nova” profissionalização, típica da performatividade da escola neoliberal (BALL, 2002; LAVAL, 2004) e ensejada por uma agenda educacional global cujo motor é a economia (DALE, 2004), ressaltamos que isso não entra como atribuição de nova responsabilidade ao trabalho de ensinar, ao contrário, mimetiza-se com ele, além de contribuir com a valorização do docente em relação a algo especificamente escolar. Segundo Candau (2014, p. 41), ser professor nos dias de hoje requer a desnaturalização da própria profissão docente, no sentido de “ressignificar saberes, práticas, atitudes e compromissos cotidianos orientados à promoção de uma educação de qualidade social para todos”.

É nessa perspectiva que os conhecimentos relativos às políticas educacionais adquirem especial relevância. Por isso, entendemos que cabe a cultura de formação de professores de Ciências Sociais um olhar mais atento a tal questão, pois, por algumas razões, a mesma se coloca como uma demanda. Destacamos três: 1) ajuda a fortalecer a perspectiva dos professores como agentes socioculturais, no sentido apontado por Candau (2014), que adiciona a profissão uma função mobilizadora que dialoga com diversos conhecimentos e sentidos; 2) contribui para a reinvenção

da escola - sobretudo, a pública - como lugar privilegiado da gestão democrática; e 3) ajuda os professores a enfrentarem as crises e desafios educacionais da contemporaneidade, em especial nos sistemas públicos de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao agregarmos alguns dos resultados da pesquisa é possível traçar uma observação mais geral sobre o desenvolvimento das temáticas de política educacional na cultura de formação de professores nas Ciências Sociais. Nesse sentido, se considerarmos que 80% dos respondentes declararam terem sido graduados em IES públicas e que 84% alegaram ter recebido formação sobre as temáticas na graduação, sendo a maioria através de disciplinas obrigatórias realizadas nas próprias faculdades e institutos de Ciências Sociais, infere-se que a discussão esta presente na formação, ainda que 66% dos respondentes tenha avaliado a mesma como boa ou regular, situação que reflete mais a problemática da qualidade do que da lacuna ou do desinteresse, já que 90% consideram muito pertinentes as temáticas correlatas às políticas educacionais, ainda que expressem incerteza em relação aos seus próprios conhecimentos.

Como qualquer estudo, este também não escapa de certo grau de arbitrariedade. Como já foi observado, a escolha pela pesquisa de survey se justifica pelas vantagens que ela oferece no manejo da pesquisa, facilitando não somente a aplicação do pensamento lógico em razão das suas características científicas, como permitindo extrapolar e generalizar de certa forma os resultados encontrados, com intuito de subsidiar uma discussão de maior abrangência, ainda que devamos considerar o emprego de outros métodos para isso. E mesmo que a amostragem seja estatisticamente pequena, e que pelas características de survey não escape do determinismo, entendemos que os resultados colaboram para o desenvolvimento de pistas e de novas hipóteses, do mesmo modo, que contribui

para uma reflexão maior sobre a cultura de formação de professores nas Ciências Sociais e uma possível agenda de pesquisa.

Sem dúvida, que podem emergir também discordâncias em torno da legitimidade desses conhecimentos para a formação de professores nas Ciências Sociais, por se entender que isso seria atributo da Pedagogia. Conquanto, não se pode desconsiderar que ao relegar ou diminuir tal aspecto, corre-se o risco de fortalecer a ideia de profissionais alheios às questões organizacionais e administrativas da educação, e com grandes dificuldades de estabelecer vínculos com as escolas que trabalham. E ainda alimenta uma situação corriqueira nos cursos de Ciências Sociais, em especial nos grandes centros de pesquisa, onde parte dos estudantes não encara a docência na Educação Básica como profissão definitiva, ao contrário, pensam nela como algo transitório. (HEY; FERREIRA; MORAES, 2018)

O trabalho docente não existe isoladamente, blindado de externalidades e das transformações que estão ocorrendo nas escolas, nos sistemas de ensino e na Educação como um todo. Com isso se quer dizer que o trabalho dos professores se divide entre a dimensão intelectual e as transposições pertinentes a determinada ciência de referência e uma dimensão sociocultural de engajamento com as demandas da vida da comunidade escolar. Mesmo assim o enfrentamento dessa questão parece custoso e desinteressado em nosso campo, porém, entendemos que é incontornável. Não só pela expectativa criada de que as Ciências Sociais brasileiras rompam com o já notório afastamento das questões ligadas à formação de professores e a educação básica, mas também, e por que não, para qualificar a profissionalização docente dos seus em relação aos assuntos típicos da Administração Escolar e da Economia da Educação.

A perspectiva aqui desenvolvida comporta a epistemologia de como entendemos e de como nos posicionamos no processo relativo à formação de professores para o ensino de uma disciplina como a Sociologia. Sujeita a embates internos ao campo disciplinar, que na configuração atual desfavorece as questões

de ensino, também é atingida no espaço da educação básica ao ser desprovida de importância. Por essa razão, a interface buscada entre o habitus desenvolvido no curso de graduação e o conhecimento sobre o ethos que envolve a organização da Educação Básica parece estimulante para fortalecer a cultura de formação de professores das Ciências Sociais, colaborando para a construção da legitimidade da mesma no seio das preocupações já consagradas.

Com isso, também buscou-se evidenciar que o desenvolvimento desta interface no interior de um campo historicamente voltado à pesquisa acadêmica pode contribuir para a inversão do papel do professor passivo, que só recebe e absorve diretrizes, para o papel do professor engajado e condutor de um tipo de prática diferente, qual seja, mediando o diálogo entre universos tão próximos e tão distantes, quanto as Ciências Sociais e o funcionamento das escolas e dos sistemas de ensino. E mesmo que tal empreitada não seja muito fácil de concretizar, talvez ela sinalize uma possibilidade de enfrentamento do desafio de junção da teoria com a prática, qualificando sobremaneira a formação dos professores de Sociologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BALL, Stephen J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da Performatividade. *Revista Portuguesa de Educação*, ano/vol. 15, número 02, Universidade do Minho, Braga, Portugal, pp. 3-23, 2002.

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. Ensino de Sociologia no Brasil (1993-2015): um estado da arte na pós-graduação. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, v. 48, n. 2, p. 256-281, 2017.

BODART, Cristiano das Neves; SAMPAIO-SILVA, Roniel. O perfil do professor brasileiro de sociologia do ensino médio e sua percepção da condição docente. *Inter-legere – Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*. Natal/RN, nº 18 jan./jun de 2016.

BODART, Cristiano das Neves; SAMPAIO-SILVA, Roniel. Um Raio-X do professor de Sociologia brasileiro: condições e percepções. *Estudos de Sociologia*, v. 2, p. 197-233, 2017.

BODART, Cristiano das Neves; SILVA-SAMPAIO, Roniel. Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no ensino médio brasileiro? In: BODART, Cristiano das Neves; LIMA,

Wenderson Luan dos Santos. O ensino de Sociologia no Brasil, vol.1. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019

BODART, Cristiano das Neves; TAVARES, Caio dos Santos. Programas de fomento a expansão do ensino superior e oferta de cursos de Ciências Sociais no Brasil (1999-2017). *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. Vol.2, nº.1, p. 07-29, jan./jun. 2018.

BODART, Cristiano das Neves; TAVARES, Caio dos Santos. Quando o assunto é Sociologia escolar: estado da arte nos periódicos de estratos superiores nas áreas de Ciências Sociais, Educação e Ensino. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 51, n. 1, mar./jun., p. 353–396, 2020.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014.

COMBESSIE, Jean-Claude. *O método em Sociologia: o que é, como faz*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “Cultura Educacional Mundial Comum” ou localizando uma “Agenda Globalmente Estruturada para a Educação?”. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004.

DUBET, François. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, maio-ago. 2011.

HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa. O estado da arte da produção científica sobre ensino de sociologia na educação básica. *BIB*, São Paulo, nº 74, pp. 43-59, 2014.

HEY, Ana Paula; FERREIRA, Eduardo Carvalho; MORAES, Maria Regina Cariello. Entre ciência e docência? A experiência da USP para formar professores de Sociologia. *Contemporânea - revista de sociologia da UFSCar*, v. 8, p. 635-661, 2018.

JINKINGS, Nise. Ensino de Sociologia: particularidades e desafios contemporâneos. *Mediações*, UEL, Londrina, v. 12, n. 1, 2007.

MORAES, Amaury César. Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. *Tempo Social*, São Paulo, USP, v. 15, n.1, p. 5-20, 2003.

MORAES, Amaury César. Currículo, formação e mercado de trabalho. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p.17-32, jan./mar. 2017.

NÓVOA, Antonio. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, Amurabi. Cenários, tendências e desafios na formação de professores de Ciências Sociais no Brasil. *Política & Sociedade*, v. 14, n. 31, p. 39-62, 2015.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Editora Planta, 2004.

PEREIRA, Luiza Helena. Qualificando futuros professores de Sociologia. *Mediações*, UEL, Londrina, v. 12, n. 1, 2007.

QUEIROZ, Paulo Pires de. NEVES, Fagner Henrique Guedes. Sociologia escolar e culturas: reflexividade crítica e educação intercultural. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)*, São Luís, Vol. 3, jan./jul. 2017.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A Sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *Cronos*, UFRN, Natal, v. 8, n. 2, 2007.

Recebido em: 15 mar. 2020.

Aceito em: 15 jun. 2020

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

FERREIRA, Eduardo Carvalho. Temáticas de Política Educacional na cultura de formação de professores das Ciências Sociais. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p.100-121, 2020.